

# Paradigmas em crise: novas vozes em destaque

Maria Lucia de Paiva Jacobini

**MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.)** (2010). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez. 637 p.



**Resumo:** Com base na discussão sobre a maneira como a ciência moderna excluiu outras formas de reflexão, esta resenha apresenta a proposta do livro de questionar a homogeneidade de pensamento e dar força à produção alternativa de conhecimento que não faz parte do centro-ocidente. O objetivo dos autores é questionar a imposição e a descontextualização da epistemologia tradicional e, como resultado, propor um novo modo de entender e se relacionar com o mundo: as epistemologias do sul.

**Palavras-chave:** ciência moderna ocidental; epistemologias do sul; conhecimento; pensamento alternativo

**Abstract:** *Crisis of paradigms: new voices* – Based on the discussion about how modern science has excluded other forms of reflection, this review discusses the book's proposal to question the homogeneity of thought and give strength to the alternative production of knowledge that is not part of the Center-West. The authors' objective is to challenge the imposition and decontextualization of traditional epistemology and, as a result, propose the possibility of a new way of understanding and relating to the world: the epistemologies of the South.

**Keywords:** Western modern science; epistemologies of the South; knowledge; alternative thought

O anúncio da crise do paradigma da ciência moderna ocidental tem sido frequente nas ideias de Boaventura de Sousa Santos: sua proposta ao organizar o livro *Epistemologias*

*do sul* é de articular estudos de experiências particulares e, com isso, expor as dificuldades da produção de conhecimento do “sul global”. A partir da recomendação de um pensamento alternativo, os autores questionam o processo histórico de monopolização epistemológica e as consequências da transposição de conceitos e práticas que deram base ao capitalismo moderno.

Ao procurar entender as implicações da contínua descontextualização e imposição de conhecimentos alheios ao próprio lugar, o livro reúne pensadores de diversas partes do mundo, que representam as vozes excluídas pelos cânones epistemológicos. É o que Santos propõe como a “epistemologia do sul” e a “sociologia das ausências”, eixos que direcionam a linha crítica e que tentam dar destaque às experiências ausentes do paradigma da ciência moderna ocidental.

Nesse sentido, a primeira parte do livro está atenta à retomada dos principais conceitos do paradigma vigente e à apresentação das possíveis diferenças de formas de compreensão do mundo. Em seu artigo, Santos entende que pouco mudou desde o período colonial e que o pensamento moderno continua a classificar, dividir e opor o mundo em linhas abissais que abrangem desde as ideias até o campo das crenças.

Abrindo caminho para os artigos seguintes, o autor sugere que as formas de resistência precisam desenvolver articulações entre as experiências subalternas de todo o sul, na forma de uma ecologia de saberes. É o que se observa na exposição da evolução da terminologia moderna feita por Quijano para denunciar a colonialidade como mecanismo do poder capitalista e da formação de uma noção de totalidade que impõe o modo de pensamento eurocêntrico: linear, racional, binário e excludente. De acordo com o autor, “esta dualidade implicava, além do mais, que muito de tudo o que era a Não-Europa, ainda que existisse no mesmo cenário temporal, na realidade correspondia ao passado de um tempo linear cujo ponto de partida era (é), obviamente, a Europa” (p. 111).

A Não-Europa é apresentada por Hountondji pelo pensamento que existe na África e sobre a África e, com isso, o autor explica que no continente não pode existir qualquer unidade entre disciplinas e pensamentos, ao contrário da forma de pensar que é imposta externamente. As contradições, tensões e debates internos evidenciam que a cultura africana está viva e percebe a necessidade de romper com noções de unanimidade forçada.

É uma indicação semelhante à de D’Souza, para quem sua experiência pessoal com a pesquisa ativista representa um questionamento sobre a imposição unitária do que é considerado pesquisa acadêmica. Ao introduzir novos temas, a professora indiana procura mostrar que a história pode ter novas e diferentes leituras na direção do reconhecimento e do diálogo com o “outro” – e que a pesquisa ativista significa ir além de só fazer ou só pensar, é vivenciar cada realidade.

Na parte seguinte, “As modernidades das tradições”, a discussão é sobre a exclusão e dicotomização dos saberes como parte do pensamento moderno, conforme o artigo de

Ramose, para quem, “apesar da globalização, da internacionalização e da universalização serem conceitos distintos, na prática todos partilham da meta comum de procurar homogeneizar o globo” (p. 193). Essa homogeneização significa o fim das fronteiras e das diferenças que interagem entre si e, portanto, do que ele chama a Filosofia Ubuntu dos Direitos Humanos, o desafio da solidariedade e do reconhecimento.

O não reconhecimento é demonstrado no artigo de Meneses sobre o caso da perseguição aos feiticeiros em Moçambique. Segundo a autora, a intervenção colonial teve como prática a transformação do “outro” em objeto, tornando todas as suas diferenças incompreensíveis para o ocidente, sem qualquer possibilidade de tradução. Por partir da noção de identidade, conceito que já é fechado em si, o pensamento eurocêntrico negou os saberes diversos como forma de afirmação de sua suposta superioridade e símbolo de desenvolvimento e modernidade.

Semelhantemente aos feiticeiros, que incorporam as contradições da experiência da modernidade no artigo anterior, a figura do indígena em Masolo representa o problema da (falta de) tradução cultural. O modelo da ciência moderna tem sido privilegiado em detrimento de outras formas de saber e, nesse sentido, o indígena africano é aquele que não consegue ser compreendido e que é, portanto, eliminado, num processo de exclusão e oposição. A denúncia desse processo é parte da linha seguida por Nunes e Moosa para apresentar o andamento da epistemologia ao longo da história e também para mostrar que a noção do que é ou não é ciência é absolutamente contingencial. A ideia de epistemologia do sul torna-se

indissociável de um contexto histórico em que emergem com particular visibilidade e vigor novos atores históricos no Sul global, sujeitos coletivos de outras formas de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas de epistemicídios tantas vezes perpetrados em nome da razão, das luzes e do Progresso. (p. 280)

Os artigos de Dussel, Maldonado-Torres, Munanga, Grosfoguel e Gomes compõem a terceira parte do livro, com uma discussão sobre o desaparecimento de áreas do mundo e a supressão de conceitos locais. Dessa forma, os autores recomendam que se recomece a pensar em formas de reinstalá-los, seja na geopolítica mundial, seja no contexto local de que fazem parte.

Nessa linha, conforme a proposta da epistemologia do sul, para que se dê voz às alternativas é preciso olhar para os lugares de produção de conhecimento de maneira diferente e perceber que a imposição epistemológica significou a redução e o empobrecimento do pensamento. A quarta parte do livro reúne então autores que discorrem exatamente sobre a retomada das riquezas dos lugares.

Tanto Santos quanto Visvanathan sugerem a apresentação de formas de pensamento do Ocidente que não foram paradigmáticas e acabaram excluídas e argumentam que existe

sim a possibilidade de visões eurocêntricas na luta contra o eurocentrismo. O interesse passa a ser o de mostrar que “muitos dos problemas com que hoje se debate o mundo decorrem não só do desperdício da experiência que o ocidente impôs ao mundo pela força, mas também do desperdício da experiência que impôs a si mesmo para sustentar a imposição aos outros” (p. 522).

O lugar de Milton Santos é o espaço de atuação de diversos papéis na contribuição para a solidariedade: da cidade ao corpo são espaços de coexistência da diversidade e das possibilidades múltiplas de comunicação. Já o lugar da África de Mama é o da reflexão crítica à ética que tem permeado a tradição acadêmica e que busca uma identidade unitária incapaz de contemplar as realidades da diversidade local.

Retomando a noção de douda ignorância, parte do pensamento ocidental excluído pelo próprio ocidente, o debate do livro e a noção de Epistemologia do Sul procuram mostrar que há uma consciência de que se sabe pouco da pluralidade infinita que existe no mundo. E é por isso que não se pode buscar uma alternativa única. Ao contrário, a necessidade é da multiplicidade que se reconhece, se relaciona e se traduz, que conhece seus limites e possibilidades. E assim, os autores dos artigos não pretendem o fechamento em algumas outras teorias alternativas, não intencionam uma resposta definitiva, mas talvez esperem pelo menos a movimentação de novas fronteiras de conhecimento.

MARIA LUCIA DE PAIVA JACOBINI é economista, jornalista, especialista em Jornalismo Científico pelo Labjor/Unicamp, mestre e doutoranda com bolsa CNPq do curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

mlpjacobini@yahoo.com.br